

FAZ-DE-CONTA FINANCEIRO NOS HOSPITAIS

À Primeira vista, dez entre dez pessoas responderiam sim à seguinte pergunta: "o hospital particular é melhor do que o público?" É um engano! Se há diferenças significativas entre os dois setores, a principal delas não é a qualidade. Pelo menos em Brasília.

"As pessoas procuram o hospital privado porque têm a preocupação de serem bem atendidas, mas sobretudo a hotelaria é o grande chamariz. Elas querem um quarto bem arejado, com uma vista bonita", avalia o administrador Mathias Mesquita, diretor presidente da Brasilmed, empresa de consultoria médica em Brasília.

A verdade é que um paciente pode ser mal atendido tanto no hospital público quanto num consultório/hospital particular. No ano passado, a funcionária pública Marlene Santos foi ao Golden Garden com sangramento no nariz. Acionada pelo BIP, a médica que estava de plantão recusou-se ir até o hospital para atendê-la.

Entre 1992 e 1996, o Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal analisou 168 processos por falta de ética médica. Destes, 90 casos foram contra atendimento particular e, 78, contra médicos da rede pública. Foram denúncias de mal-atendimento, erro no procedimento e falta de dedicação ao paciente, entre outras.

José Varella 9.12.97



Na rede pública, 80% dos partos são normais. O risco de infecção é menor

O medo de faltar o fio na hora da cirurgia também está sendo superado nos hospitais públicos. Há mais de dois anos não falta medicamento. E a mão-de-obra? Cerca de 70% dos médicos particulares também atendem na rede pública, numa prática conhecida como *dupla militância*.

O governador Cristovam Buarque, por exemplo, não têm o menor preconceito contra hospital público. Quando precisou operar uma hérnia e, recentemente, a mão, foi ao Hospital de Base e, depois, ao Sarah Kubitschek. Mas a maioria dos brasilienses tem. "O problema é a segregação so-

cial. As pessoas não gostam de pobre", avalia o diretor do HMIB, Lucas Veras, referindo-se às classes mais abastadas, que se associam aos planos de saúde para não ter que deitar numa maca ao lado de pessoas humildes.

PARTO DE R\$ 30

Há uma diferença básica e crucial entre o público e o privado: o acesso. Os hospitais públicos são sinônimo de filas, corredores lotados e espera. Estão inchados de pacientes e carentes de profissionais. Primeiro porque mais de 75% dos pacientes que pro-

curam um pronto-socorro de hospital público poderiam ter ido a um posto de saúde. A superlotação também é causada pela pobreza do Entorno. Estima-se que 30% dos casos de emergência vêm de fora de Brasília.

Por esses pacientes, os hospitais públicos não recebem um centavo do Sistema Único de Saúde (SUS). Pelo restante, paga-se quantias irrisórias. O Hospital de Base, por exemplo, recebe R\$ 2 (isso mesmo, R\$ 2) por uma consulta. O parto é R\$ 30. Um exemplo: Valdeci Rodrigues Borges ficou internado no HBDF do dia 6 de março ao dia 23, quando morreu. Fez uma cirurgia chamada laparoscopia exploradora, ou seja, teve todo o abdômen aberto. Por 11 hemogramas e 84 exames realizados no paciente, o hospital receberá R\$ 29,25 do SUS. Pelos 18 dias de internação, R\$ 318,77. Uma diária num apartamento de luxo do Santa Luzia custa R\$ 270.

Se não recebessem dinheiro da União para pagar pessoal, esses hospitais já teriam fechado há muito tempo. Para o presidente do Sindicato Brasiliense dos Hospitais, Délcio Rodrigues Pereira, a comparação não é válida. "O sistema de saúde público é uma enganação. O governo faz de conta que paga e eles fazem de conta que dão assistência. Como os recursos não são suficientes, a saúde não está sendo dada."